

Poesia em sala de aula: (re)leituras e sentidos possíveis**Poetry in classroom: (re)readings and possible meanings**

Karine Rios de Oliveira Leite*
 Thiago André Rodrigues Leite**

RESUMO: Assim como a linguagem, entendemos que a poesia está na natureza humana, acompanhando o homem desde o momento em que ele (re)cria uma espécie de “língua” dentro do próprio sistema linguístico, o qual é parte essencial da linguagem. Essa (re)criação pode emergir nos diferentes planos: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Sob esse ponto de vista e fundamentados em teorizações de Émile Benveniste, compreendemos ser imperioso experienciarmos, em nossas práticas de aula, certa abordagem semântica da poesia, com a abertura a (re)leituras de diferentes “escolhas lexicais” presentes em poemas. Por isso, neste texto, objetivamos discorrer sobre a poesia no plano semântico, pensando certas “escolhas lexicais”, em detrimento de outras possíveis, presentes em alguns importantes poemas brasileiros, e possibilidades de (re)leituras dessas “escolhas” em momentos de sala de aula. Para tanto, embasamo-nos na teoria de Benveniste, especialmente quanto às noções de linguagem e de língua, relacionando tais noções a uma possível definição, aventada por nós, de poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Poesia. Benveniste. Sentidos. Sala de Aula.

ABSTRACT: We understand that the poetry, like what happens to the language, is in the human nature, following the man since the moment in which he (re)creates a kind of a “language” inside the linguistic system, which is essential part of language. That (re)creation can emerge in the different plans: phonological, morphological, syntactic and semantic. According to this point of view and based on Émile Benveniste’s theorizations, we understand that it is peremptory to experience, in our practices of class, certain semantic approach of poetry, with an opening to (re)readings of different “lexical choices” present in poems. So, in this text, we aim at discoursing about poetry in semantic plan, thinking about some “lexical choices”, instead of possible others, present in some important Brazilian poems, and possibilities of (re)readings of these “choices” in classroom moments. Therefore, we are based on Benveniste’s theory, especially with respect to the notions of language and of linguistic system, relating these notions to a possible definition, built by us, of poetry.

KEYWORDS: Language. Poetry. Benveniste. Meanings. Classroom.

1. Introdução

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento.
 (BENVENISTE, 2005, p. 26)

* Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas.

** Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas.

A (re)produção da realidade por meio da linguagem não significa a (re)produção direta em que haveria a impossibilidade de relações imprevistas e, por vezes, poéticas entre as “palavras”¹. É uma produção novamente, porque a enunciação – sempre única – dá-se o tempo todo, na relação com outras enunciações, quando o homem “fala”, o que ocorre a partir de sua relação (inter)subjativa com o mundo. Essa relação pode fazê-lo dizer que “a menina é uma rosa” em vez de fazê-lo dizer que “a menina é bonita”, “a menina é charmosa”, “a menina é perfumada”, “a menina é delicada”, entre outras possibilidades parafrásticas. Desse modo, o homem é linguagem, mas também é poesia!

Partimos do pressuposto de que, conforme Benveniste (2005, p. 285), “a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”. Assim como a linguagem, entendemos que a poesia está na natureza humana, acompanhando o homem, já que ele (re)cria uma espécie de “língua”² dentro do próprio sistema linguístico, o qual é parte essencial da linguagem. Essa (re)criação pode emergir nos diferentes planos: fonológico, morfológico, sintático e semântico, graças a “jogos (in)conscientes”³ com a e na linguagem.

Neste texto, objetivamos discorrer sobre a poesia no plano semântico⁴, pensando certas “escolhas lexicais”⁵, em detrimento de outras possíveis, presentes em alguns importantes poemas brasileiros, e possibilidades de (re)leituras dessas “escolhas” em momentos de sala de aula. Para tanto, embasamo-nos na teoria benvenistiana, especialmente no que diz respeito às

¹ Empregamos o termo “palavras” por ser considerado por Benveniste (2006) como “unidades semânticas”. Esse termo transcende aos significados inerentes aos signos linguísticos e aponta para a língua em uso em situações enunciativas diversas. “Ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório semiótico” (BENVENISTE, 2006, p. 233).

² É “língua” entendida como vestígios de subjetividade do homem na linguagem, não havendo nenhuma alteração na “língua” como sistema linguístico. Manuel Bandeira, no poema “Neologismo” (BANDEIRA, 2014), ao criar o verbo “teadorar”, dá indícios daquela “língua” e, conseqüentemente, da subjetividade.

³ Fazendo menção à “arte”, Benveniste (2006, p. 60) afirma que o artista exprime uma visão, que a própria obra indicia, conforme critérios conscientes ou não. Assim, quando dizemos “jogos (in)conscientes”, pensando nos poetas, os quais consideramos artistas das palavras, queremos dizer que esses “jogos” são relações entre elementos linguísticos manipuladas sem critérios que tentem “cercar” possibilidades outras de sentidos aventadas pelo interlocutor. Além disso, queremos dizer que essas relações acontecem, por vezes, de maneira não esperada, já que há inconsciente regendo/operando (n)o homem, e, de certa forma, (n)o que (não) diz.

⁴ Para Benveniste (2006, p. 229), “a noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação”. Por isso, ao trabalharmos, em sala de aula, com a poesia, estamos propondo a realização de (re)leituras, no sentido de movimentarmos o sistema linguístico e aventarmos sentidos possíveis.

⁵ Aspeamos a expressão “escolhas lexicais” para dizermos que a poesia pode ocorrer no arranjo das palavras, no modo como elas são dispostas nas frases, “escolha” essa (in)consciente, que, simplesmente, pode acontecer de maneira inusitada, uma vez que, conforme Benveniste (2006, p. 228), comunicamo-nos “(...) por frases, mesmo que truncadas, embrionárias, incompletas, mas sempre por frases”. E acrescentaríamos “imprevistas” também, de sorte que a poesia pode ocorrer inclusive nos (des)(re)arranjos empreendidos pelo leitor.

noções de linguagem e de língua, relacionando tais noções a uma possível definição, aventada por nós, de poesia.

2. Linguagem, língua e poesia: o plano semântico

Segundo Benveniste (2005, p. 20), “(...) a linguagem, faculdade humana, característica universal e imutável do homem, não é a mesma coisa que as línguas, sempre particulares e variáveis, nas quais se realiza”. Percebemos linguagem no emprego da língua, como: voz, hesitação, silêncio, aspecto social, etc. Consideramos que a poesia é da língua e, conseqüentemente, da linguagem, visto que a poesia se concretiza no emprego da língua, havendo linguagem implicada⁶. Em suma, a língua, ao ser empregada pelo homem, implica a realização de linguagem, bem como pode implicar a realização de poesia.

A língua, na concepção da linguística moderna, “(...) forma um sistema”, o que significa que, “da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes” (BENVENISTE, 2005, p. 22). A depender do arranjo, da combinação, de partes da língua em seu emprego, é possível falar em poesia ou não. Como dissemos anteriormente, a poesia pode se dar na combinação de sons, na combinação morfológica, na combinação sintática e/ou na combinação semântica permitida(s) pela relação entre as palavras. Compreendemos que é do jogo do “arranjo sistemático de partes” que nasce e se configura a poesia, a qual ocorre na (re)elaboração (in)consciente desse arranjo, não tendo apenas um lugar na língua.

A poesia, de acordo com Paulino et al. (2001, p. 85), tem “(...) suas origens populares através de saraus e jograis, cantadores e repentistas e da própria musicalização de poemas”, sendo todos estes apenas alguns entre os vários lugares de materialização poética. Pode ocorrer poesia em diversas manifestações de linguagem, entretanto, em manifestações mediante palavras, já que, a nosso ver, não há poesia fora das palavras. Isso é, de certa forma, ratificado por Candido (1993, p. 13-14), ao dizer que “(...) a poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre”.

Essa citação indicia que a poesia não se resume a “verso”, aspecto estrutural do poema, ou seja, para haver poesia, não é preciso ser sob a forma de poema, muito menos sob a forma

⁶ Portanto, quando se afirma haver poesia na dança, não se faz senão por uma espécie de extensão ao que se aplica a certo funcionamento da língua, sendo esta o sistema interpretante daquela, nos dizeres benvenistianos. Não é que há poesia propriamente na dança, mas uma dança pode ser passível de ser (re)lida poeticamente a partir da palavra, já que a poesia se instaura por meio desta.

de verso metrificado, por exemplo; tanto que há poesia na prosa. Se há poesia na prosa, isso aponta que a poesia não está intrínseca à forma, mas ao uso da palavra, aos “movimentos” que ela sofre. Em todo caso, concebemos que só há poesia nas e por meio das palavras. Assim, focando o plano semântico, consideramos que, para haver poesia, é preciso haver – já que “a arte é fruto de elaboração e trabalho” (PAULINO et al., 2001, p. 99) – um jogo artesanal de “escolhas lexicais”, mostrando outras possibilidades de sentidos.

Partimos da concepção de “sentido” segundo Benveniste (2005, p. 12), para quem ele é o “(...) elemento inapreensível, subjetivo, impossível de classificar (...)”. Isso porque “(...) as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis (...) (grifo do autor) (BENVENISTE, 2006, p. 221)” que, em outras palavras, permitem-nos dizer que ele é inexato, portanto não é apreensível, de modo que é efeito⁷. Por isso, a poesia é passível de emergir ou não, de modo que um leitor pode ser capaz de “apreendê-la” e outro não.

Da palavra grega “poiesis” (criação) derivaram as palavras “poesia” (ato de fazer) e “poeta” (aquele que faz). Paulino et al. (2001, p. 99) afirmam que, “trabalhando 'artesanalmente' a língua, [o poeta] explora a potencialidade das palavras, muitas vezes já automatizadas e desgastadas pelo uso cotidiano”. Então, o poeta é um daqueles artistas que faz, (in)conscientemente, as palavras tomarem novos rumos, os quais (o)correm por meio do ato de fazer da palavra dicionarizada (ou não) outra(s) palavra(s). O músico e compositor Raul Seixas, na música “Areia da Ampulheta”, corrobora esse ato ao fazer da língua ordinária uma língua poética: “Eu sou a areia da ampulheta / O lado mais leve da balança / Balança que não me aguenta / O ignorante cultivado / O cão raivoso inconsciente / O boi diário servido em pratos / O pivete encurralado / Eu sou a areia da ampulheta” (SEIXAS, 1988). Em termos simplistas, diríamos que a relação entre as palavras nesses versos configura-se como uma relação poética pelo ato metafórico e rimático.

No poema “Procura da poesia”, Carlos Drummond de Andrade sugere, para a feitura da poesia, o seguinte: “Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos”. Interpretamos, a partir desses versos, que a poesia envolve a (des)construção das palavras, as quais são sempre passíveis de novos sentidos, o que é vislumbrado pelo poeta, no mesmo poema, ao dizer: “Chega mais perto e contempla as palavras. / Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra” (ANDRADE, 1969). Essas “mil faces”

⁷ Toda vez que mencionamos “sentido”, consideramos que ele é efeito, ou seja, é relacional. Isso significa que o sentido não está propriamente no texto, porém, minimamente, na relação entre palavras e (inter)locutores. Portanto, o sentido não é uno, mas também não é qualquer um, já que a própria língua estabelece certos limites para seus efeitos.

seriam, a nosso ver, as visões que, camufladas sob a suposta “face neutra”, podem emergir; visões essas, conforme Benveniste (2006), que a própria obra indicia.

Anteriormente a Drummond, o linguista Saussure (2006) percebeu algo parecido ao dizer que, para qualquer significante, é possível a associação de qualquer significado. Essa associação, na construção da poesia, parece ter um lugar de destaque, já que a poesia é um lugar propício e propenso a certas “escolhas lexicais”.

A poesia parece nascer com o homem, pois este indicia precisar de outro modo de ser e de estar na linguagem (e na língua) que extrapole construções não poéticas e, de certo modo, “desgastadas” pelos empregos ordinários. Conforme Paulino et al. (2001, p. 86), “ao se estudarem as primeiras produções poéticas de cada povo, pode-se constatar que a poesia nasce em seu meio, como parte de suas atividades”, visto que, de acordo com Benveniste (2006, p. 222), “(...) bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver*” (grifo do autor).

Em face disso, a poesia manifesta-se no ser, no fazer, no lazer, mas também no trabalho (árduo) diário. “Essa poesia naturalmente ligada a afazeres quotidianos tem o caráter de articulação com a vida social. Textualizada, essa vida se torna sonoridade, melodia, gesto, ritmo” (PAULINO et al., 2001, p. 87). Prova disso são as lavadeiras do norte de Minas Gerais, como as de Almenara e as do Jequitinhonha, que, tecendo uma poesia musicada (ou uma música poet(iz)ada) em suas vozes, entoam cantos para (suportarem) o trabalho⁸. Por isso, entendemos, por exemplo, que a conjuntura social em que Manuel Bandeira estava inserido lhe permitiu, de certa forma, uma “escolha lexical” feliz mediante a reiteração, por diversas vezes, do verso “Café com pão” no poema “Trem de ferro” (BANDEIRA, 2014). A repetição desse verso, de maneira onomatopaica, remete ao barulho do trem de ferro, uma remissão poética.

Do poema “Consideração do poema”, de Carlos Drummond de Andrade, destacamos os seguintes versos: “As palavras não nascem amarradas, / elas saltam, se beijam, se dissolvem, / no céu livre por vezes um desenho, / são puras, largas, autênticas, indevassáveis” (ANDRADE, 1969). Esses versos indiciam que, no ato enunciativo, as relações entre as palavras podem permitir a manifestação poética. Toda e qualquer palavra tem potencialidade de e para poesia, já que nenhuma é passível de ser “cercada” em termos de sentidos poéticos, pois qualquer palavra está “pronta” para transformar-se em (ou fazer parte de) poesia. Esta é, pois, um modo

⁸ Isso se relaciona ao dito popular “quem canta seus males espanta”, mostrando como a poesia, circulante na música, pode constituir-se como um modo de viver, ou seja, de lidar com as atividades que esse viver envolve. Essa concepção e o modo como definimos poesia permitem-nos compreender por que as pessoas não são igualmente constituídas e tocadas pela poesia.

de o homem significar(-se) (n)o mundo, ou melhor, é um modo de o homem estar na linguagem, a qual, em termos benvenistianos, tem como caráter essencial (primordial) significar.

Focando a “escolha lexical” na construção da poesia, o poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, especificamente os versos “Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas” (ANDRADE, 1969), indicia a poesia na relação entre palavras. Em vez de ter sido dito, por exemplo, “olhos tão cansados”, foi dito “retinas tão fatigadas”. Compreendemos que a poesia é passível de ser vislumbrada na “escolha” refinada de palavras menos comuns para essa circunstância enunciativa, o que aponta para a (re)criação de uma espécie de língua própria dentro do sistema linguístico da língua portuguesa.

Nessa perspectiva, em relação à poesia no plano semântico, uma das manifestações da poesia dá-se (in)conscientemente nas combinações (relações) das palavras dicionarizadas, combinações essas “especiais”, já que não são relações quaisquer. Por isso, ao dizer que “eu penso renovar o homem usando borboletas” (BARROS, 2002), no poema “Retrato do artista quando coisa”, Manoel de Barros permite-nos entrever a poesia na “escolha” da palavra “borboletas”, uma “escolha” especial, pois pode produzir, minimamente, surpresa em seu interlocutor: por que mesmo “borboletas” na mínima relação com o poema em questão?! Por isso, a importância do trabalho com sentidos possíveis por meio da leitura da poesia em sala de aula.

3. Uma singela proposta de trabalho com a poesia

Para a sala de aula, propomos um trabalho que possa fazer o estudante refletir acerca de certas relações entre palavras produzindo poesia, em detrimento de outras relações parafrásticas. Tendo em vista que, para Benveniste (2005, p. 27), “o homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu”, diríamos que há uma abertura “especial” para certos sentidos⁹ quando a relação que se estabelece entre as palavras parece (res)soar poesia. É para essa relação que propomos um olhar “especial”, a fim de serem aventados sentidos possíveis.

⁹ Diante disso, questionamo-nos a respeito da expressão “licença poética”, uma vez que, já sendo poética, “toda” licença (associação linguística) é permitida.

Sobre o manuscrito de Benveniste intitulado “Baudelaire” (2011), Flores destaca a distinção que aquele autor faz entre “linguagem ordinária” e “linguagem poética”, as quais são possíveis representações da língua, sendo a poesia, na consideração benvenistiana, uma língua dentro da língua. Entendemos, pois, que a poesia ocorre na e por meio da língua, configurando-se como uma língua “especial”, que não é a língua comum do sistema linguístico em termos de significados arraigados socialmente, socialmente estabilizados, mas uma “mexida” nas relações.

Segundo Benveniste (apud FLORES, 2013, p. 184), “o poeta *faz* sua língua e sua expressão, mesmo quando toma os elementos na língua ordinária” (grifo do autor). Dito de outro modo, Benveniste (2006, p. 221) afirma que a “linguagem poética” “(...) tem suas próprias leis e suas funções próprias”. Assim, concebemos que fazer uma língua própria e uma expressão própria é, de certa forma, desafiar o outro (interlocutor) no trabalho de (re)leitura. Isso não significa desafiá-lo a encontrar “o verdadeiro sentido”, o qual não existe; é instigar esse outro a aventar significativas possibilidades de sentidos, um convite, portanto, a novas (re)leituras.

Nessa perspectiva, transcendemos ao signo linguístico e debruçamo-nos sobre a frase. Isso porque “com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 230). O significado é inerente ao signo. Já o sentido está relacionado à frase, que aponta para a situação (circunstância) enunciativa, para o “aqui e agora” do presente de um locutor qualquer. O significado das palavras é diferente de possíveis sentidos que elas podem apresentar em uma frase. Assim, “o sentido da frase é de fato a *ideia* que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela 'escolha', pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática” (grifo do autor) (BENVENISTE, 2006, p. 230).

Analisarmos uma frase em termos benvenistianos é analisarmos a possível ideia que ela produz para nós, locutores, numa dada situação enunciativa, lembrando que “a frase é então cada vez um acontecimento diferente; ela não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (BENVENISTE, 2006, p. 231). Por isso, trabalhamos sempre com possibilidades de sentidos; por isso, a relevância de pensarmos a poesia sob esta perspectiva enunciativa. A respeito disso, apresentamos o poema “Das pedras”, de Cora Coralina, focando, em nossa análise, duas frases e uma palavra na relação com todo o poema.

Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta

e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.
Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos. (CORALINA, 2013)

As frases “Ajuntei todas as pedras / que vieram sobre mim. / Levantei uma escada muito alta / e no alto subi.” indiciam, em termos benvenistianos, o poder fundador da linguagem relacionado à instauração de uma “realidade imaginária”. Provavelmente, não foram “pedras”, nem “escada” usadas no dia a dia de construções civis, por exemplo. Tampouco foram as “pedras” que a ela se conduziram. Essa “realidade imaginária” permite certos sentidos “especiais”, instigantes e interessantes que deve(ria)m ser fortemente explorados em sala de aula, já que mostram o homem na linguagem, mas também podem mostrar o homem na poesia (re)criando uma língua e, conseqüentemente, uma realidade própria.

Essa (re)criação é única a cada instante em que alguém se propõe a aventar sentidos possíveis para as frases do poema em questão. “Das pedras”: “das polêmicas?”, “das dificuldades?”, “dos pesos?”, “das merdas?”, “das infelicidades?”, “dos medos?”, “das drogas?”, “dos pepinos?”... Possíveis sentidos de tom negativo tendem a emergir, uma vez que à palavra “pedra”, em nossa cultura brasileira, são associadas ideias de dissabores, de modo que é comum ouvirmos que algo ou alguém é “uma pedra no sapato” quando de uma situação desagradável. De certa forma, paralelamente a essa liberdade, não é qualquer sentido que é passível de ser associado à palavra “pedra”, visto que há, segundo Saussure (2006), o tempo e o social operando e “garantindo” uma preponderância (predominância) de certos significados e, conseqüentemente, de certos sentidos.

Talvez à palavra “pedra” não possa ser associada à ideia de “elogio”. No entanto, é comum ouvirmos a palavra “pérola” produzindo um tom elogioso, de sorte que algo ou alguém

pode ser considerado como “pérola”¹⁰. E pérola não é uma pedra?! De algum modo, em alguma circunstância enunciativa, à palavra “pedra” não poderia ser associada a ideia de “elogio”? Sem relativizar, compreendemos que tudo vai depender de um certo locutor numa certa situação enunciativa.

Face a essa breve análise, consideramos uma espécie de “obrigação” ouvirmos outros sentidos possíveis aventados por nossos estudantes, pois seu olhar não é o nosso, sua experiência de mundo não é a nossa, seu modo de (vi)ver, de sentir e de (re)cortar a realidade não é o nosso. Isso porque é fundamentalmente singular a maneira como a linguagem incide em cada ser humano, sendo singular também o seu emprego, cada vez único e intransferível. E o mesmo podemos dizer acerca da poesia.

Diferentes e possíveis sentidos são permitidos por palavras na relação com outras numa dada circunstância enunciativa; há uma espécie de regularidade de sentidos que tendem a reinar em detrimento de outros. Por outro lado, certos sentidos podem soar estranhamente se associados a certas palavras. Diante disso, talvez o mais sensato seja lidarmos (também) com sentidos passíveis de construção conjunta em sala de aula!

4. Considerações “finais”

Os possíveis sentidos pensados por nós para a palavra “pedra”, a partir do poema de Cora Coralina, são permitidos porque “(...) a linguagem representa a mais alta forma de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de *simbolizar*” (grifo do autor) (BENVENISTE, 2005, p. 27). Estamos (nos) simbolizando ao realizarmos “nossa” leitura. Afinal, “a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular” (BENVENISTE, 2006, p. 230), de maneira que não nos “colamos” completamente aos referentes, dizemos mais do que recebemos, ou melhor, realizamos produções linguísticas que transcendem a produções linguísticas esperadas em certas circunstâncias.

É de fundamental importância, em nossas práticas de aula com a poesia materializada em poemas, por exemplo, “abrirmos” para possibilidades semânticas a partir de certas “escolhas lexicais” efetivadas por poetas, já que, “ora, todo homem inventa sua língua e a inventa durante

¹⁰ Isso parece mostrar como, mesmo na poesia, há certa estabilização de sentidos, posto que à palavra “pedra” atribui-se, normalmente, um tom depreciativo, ao passo que à palavra “pérola” atribui-se, normalmente, um tom elogioso.

toda sua vida. E todos os homens inventam sua própria língua a cada instante, e cada um de uma maneira distintiva, e a cada vez de uma maneira nova” (BENVENISTE, 2006, p. 18).

Nessa perspectiva, cabe dizermos que, subjetivamente pensando, estamos nos (re)fazendo constantemente. Esse (re)fazer-se ocorre na e por meio da linguagem, sendo muitas vezes de modo poético e surpreendente. Quando, cotidianamente, ouvimos nossas avós dizendo que “cada um no seu canto padece o seu tanto”; e nossas mães, parafrasticamente, dizendo que “o que se passa na casa de Chico passa-se na de Francisco”, temos indícios de poesia manifestando-se no emprego da língua.

A poesia pode não advir do emprego ordinário da língua, mas ela pode ordinariamente emergir no uso da língua. A poesia também simplesmente vem! A função poética “não é a única função da *arte verbal*, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais, ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário” (grifos nossos) (JAKOBSON, 1995, p. 128). Não necessariamente a poesia, que decorre da “arte verbal”, manifesta-se para ser comunicável e/ou compreensível, porém, sobretudo, a nosso ver, como uma forma de o homem lidar consigo e com o mundo na relação intransponível que ele mantém com a linguagem.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. **Reunião – 10 livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

BANDEIRA, M. **Belo, belo**. São Paulo: Global Editora, 2014.

BARROS, M. **Retrato do artista quando coisa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

_____. **Problemas de lingüística geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

CANDIDO, A. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Terceira Leitura, FFLCH - USP, reimpressão, 1993.

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. 18. ed. São Paulo: Global, 2013.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

PAULINO, G. et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001. Série: Educador em formação.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIXAS, R. **A pedra do Gênesis**. Rio de Janeiro: Copacabana, 1988.

Artigo recebido em: 29.03.2017

Artigo aprovado em: 04.09.2017